

# Um caso de homonímia sacra: o orago da Igreja de São Gonçalo (Vitória - ES)

Rachel Diniz Ferreira e Maria Cristina C. L. Pereira<sup>1</sup>

Mesmo sendo uma das mais antigas igrejas preservadas em Vitória, a igreja de São Gonçalo Garcia tem sua história envolta ainda em muitas incertezas. Poucos são os documentos que lhe fazem referência, e menos ainda os estudos que lhe são dedicados. Uma exceção é um historiador local, Elmo Elton, que a ela se reporta em sua obra “Velhos templos de Vitória”. Dentre os raros documentos por ele mencionados (mas não identificado e nem transcrito) está um datado de 1715, onde se pede permissão para a construção de uma capela dedicada a São Gonçalo Garcia no mesmo local onde antes se erguia uma capela dedicada a Nossa Senhora do Amparo e da Boa Morte. Essa capela, que haveria sido construída provavelmente em 1707, servia de sede a uma Irmandade devota dessas duas invocações da Virgem.<sup>2</sup>

Estas informações são reproduzidas em duas outras obras, o “Catálogo de bens culturais tombados no Espírito Santo”, organizado por Fernando Achiamé, Fernando Betarello e Fernando Sanchotene,<sup>3</sup> e “Arte no Espírito Santo”, de Almerinda da Silva Lopes.<sup>4</sup> Elas diferem, no entanto, dos dados fornecidos pela obra “História do Espírito Santo”, de Maria Stella de Novaes, que afirma que a construção havia se chamado capela de Nossa Senhora da Assunção e do Amparo até 2 de novembro de 1766, quando fora consagrada como igreja de São Gonçalo Garcia.<sup>5</sup> Com esta última informação, a respeito da data da consagração, todos os quatro mostram-se de acordo.<sup>6</sup> Além disso, uma das plantas da Villa de Vitória, provavelmente feita em 1767 - um ano após a consagração - já localiza e nomeia a igreja de São Gonçalo Garcia.<sup>7</sup>

A diferença quanto à designação da capela deve-se, muito provavelmente, ao fato de que sua história confunde-se com a da atual Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, ali sediada. Tradicionalmente, afirma-se que essa congregação foi fundada em 1707, com o nome de Irmandade de Nossa Senhora do Amparo e da Boa Morte,<sup>8</sup> tornando-se depois, segundo Elmo Elton, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte dos Pardos e, finalmente, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção.<sup>9</sup> Estas informações têm que ser analisadas com mais cuidado, pois desde 1679 já havia uma Irmandade de Nossa Senhora do Amparo, funcionando no Colégio dos Jesuítas.<sup>10</sup> E o Bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, quando de sua visita à capitania do Espírito Santo, em 1819, menciona a existência de duas confrarias, Amparo e Boa Morte, sediadas na igreja de São Gonçalo, e brigando entre si.<sup>11</sup> De toda forma, sabe-se que em 1858 passa a existir uma Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, que seria elevada à categoria de Arquiconfraria em 1932.<sup>12</sup>

Entretanto, não é nosso objetivo discutir aqui estas questões referentes à história da igreja e da Arquiconfraria, mas sim analisar uma das imagens que se encontram na igreja, a de seu orago, São Gonçalo Garcia, representação pouco comum no Brasil e, talvez por isso mesmo, objeto de identificações errôneas.

A primeira referência à escultura de São Gonçalo Garcia data da consagração da igreja, 1766, quando, de acordo com Maria Stella de Novaes e Elmo Elton, o Bispo do Rio de Janeiro, D. Antônio do Destêrro, encaminhou

uma provisão determinando a disposição das imagens na igreja: “Nossa Senhora da Assunção, no trono, ao centro; São Gonçalo Garcia, abaixo; Nossa Senhora do Amparo, à direita (Evangelho); Nossa Senhora do Rosário, à esquerda (Epístola)”.<sup>13</sup> Dessas quatro imagens, apenas duas ainda se encontram na igreja: a de Nossa Senhora da Assunção, atualmente na sacristia, e a de São Gonçalo Garcia, no trono do altar-mor.<sup>14</sup>

Apesar desta informação, que indica claramente o nome do orago como São Gonçalo Garcia, encontramos na historiografia uma grande confusão entre esse santo e seu homônimo, São Gonçalo do Amarante. Assim, Elmo Elton, que reconhece São Gonçalo Garcia como orago, atribui-lhe a biografia do outro São Gonçalo.<sup>15</sup> E também Almerinda da Silva Lopes, que se apóia nesse autor.<sup>16</sup> Vejamos as duas biografias.

São Gonçalo Garcia teria nascido na Índia portuguesa, de pai português e mãe indiana, e morrido martirizado em Nagasaka (Japão), em 1597. Pertencente à ordem dos franciscanos, ele teria sido, junto com outros 22 franciscanos e 3 jesuítas, crucificado por ordem do imperador do Japão.<sup>17</sup> Seu corpo teria sido traspassado por duas lanças cruzadas em X - forma como é tradicionalmente representado na iconografia.<sup>18</sup>

São Gonçalo do Amarante lhe é bastante anterior: este dominicano português teria sido morto na cidade de Amarante, por volta de 1259.<sup>19</sup> Ademais do nome, a relação com Portugal ajudaria assim a explicar a confusão entre eles. Sua biografia é bem mais conhecida, permeada de milagres e grandes feitos. A ele, por exemplo, é atribuída a construção da ponte de Amarante - razão pela qual é frequentemente representado com uma ponte<sup>20</sup> (Fig.1). Antes de ingressar na ordem dominicana, inspirado por uma visão da Virgem, teria feito uma peregrinação aos Lugares Santos, construído uma capela a Nossa Senhora da Assunção e vivido como eremita. Mas seu feito mais maravilhoso foi o de extrair vinho de pedras, para os trabalhadores, durante a construção da ponte. Além disso, conta-se que pregava

constantemente às prostitutas, servindo-se de músicas - o que teria gerado sua representação com uma viola à mão, comum na iconografia popular no Brasil<sup>21</sup> (Fig.2).

O desencontro na identificação dos dois santos só foi apontado recentemente, por Maria Clara M. Santos Neves, em uma nota de rodapé de sua edição crítica das anotações feitas pelo bispo D. José Caetano da Silva Coutinho. Mas a autora se limita a colocar lado a lado as duas biografias, sem tecer maiores comentários:

O historiador Elmo Elton, na obra *Velhos Templos de Vitória*, informa que São Gonçalo Garcia era santo português, nascido em 1200, tendo falecido em 1259 ou 1260. Na obra *História da Igreja no Brasil*, Eduardo Hoonaert fornece informação diferente, com o seguinte acréscimo, pertinente à observação feita pelo bispo José Caetano: ‘São Gonçalo Garcia, santo da Índia já aporтуguesada, foi martirizado em 1597 e beatificado pelo papa Urbano VIII em 1627. Sendo oriental ele era de cor parda e os pardos ou mestiços e mulatos do Brasil fizeram de sua imagem uma ‘bandeira’ [...]’.<sup>22</sup>

Como fica claro, aqueles historiadores conciliam o que seria inconciliável: conhecedores do documento de consagração que se refere ao orago e à igreja de São Gonçalo Garcia, mas talvez por desconhecerem esse santo, fornecem a biografia do outro São Gonçalo, o do Amarante. Mas esse desacerto não se limita apenas ao universo historiográfico. Percebemos ecos sobretudo no interior da própria Arquiconfraria, como pode ser observado em seu material de divulgação.

Uma nota datada de 1979, de autoria de Mário Freire Barbosa, afixada na parede da sala de reuniões da confraria, é coerente quanto à biografia do santo, mas inexata ao afirmar que a igreja é dedicada a São Gonçalo de Amarante, representado pela escultura no altar. E quando a Arquiconfraria passa a anexar um pequeno histórico ao folheto com a programação das festividades em homenagem a Nossa Senhora da Boa Morte e a Nossa Senhora da Assunção, nos dias 15 e 16 de agosto (pelo menos a partir de 1990<sup>23</sup>), essa informação torna-se amplamente difundida:



Fig.1 - São Gonçalo do Amarante. Aleijadinho e sua Oficina (Atribuído a). Madeira dourada e policromada, 90,5 cm, séc. XVIII/XIX. Igreja se São Francisco de Assis, São João Del Rey (Myrian de Andrade Ribeiro et al. *O Aleijadinho e sua Oficina. Catálogo das Esculturas Devocionais*. São Paulo: Capivara, 2002: p.251). Reprodução.



Fig.2 - São Gonçalo do Amarante. Barro queimado com policromia, 15 cm, São Paulo, séc. XIX/XX. Coleção particular, SP (Carlos A. C. Lemos. *A Imaginária Paulista: Esculturas*. São Paulo: Pinacoteca, 1999: p.89). Reprodução.

A Igreja tem o nome de São Gonçalo do Amarante, Barão (sic) português, nascido em 1200 na aldeia de Arriconha, termo de Portugal (sic), falecido no ano de 1259, cuja imagem trazida por padres e colonizadores portugueses, permanece no altar principal do templo, desde sua construção em 1707, ocasião em que os devotos da Virgem Santíssima, fundaram a irmandade de Nossa Senhora do Amparo e Boa Morte, tendo organizado logo após (sic) sua diretoria.<sup>24</sup>

Segundo informações colhidas em uma ata de reunião da Arquiconfraria de 1992,<sup>25</sup> nesse ano o histórico foi ligeiramente modificado, com o acréscimo de mais dados biográficos de São Gonçalo do Amarante - muito provavelmente extraídos de um texto de Cristina Ávila e Silvana Cançado Trindade.<sup>26</sup> O último folheto distribuído pela Arquiconfraria, em 2003, mostra ainda essa interpolação do texto de 1990, já corrigido, com esses novos dados, e insiste em atribuir a São Gonçalo do Amarante o patronato da igreja:

A Igreja tem o nome de São Gonçalo do Amarante, Varão português, nascido em 1200 na aldeia de Arriconha. Adulto, tornou-se sacerdote, viajou em peregrinação religiosa até Roma, onde visitou os túmulos de São Pedro e São Paulo, indo depois aos Lugares Santos de Jerusalém. Mais tarde, fixou-se num lugarejo pouco habitado, hoje cidade de Amarante, à margem do rio Tâmega. Aí, por volta de 1250, edificou uma capelinha dedicada à Nossa Senhora da Assunção. Logo depois refugiou-se como eremita vivendo em penitência e mortificações.

Segundo a lenda, recebeu uma milagrosa visita da Virgem, que o aconselhou a entrar para o Mosteiro de São Domingos, em Guimarães. Está também ligado ao Santo o milagre da construção de uma ponte sobre o Rio Tâmega, que constituía uma séria ameaça aos que arriscavam na sua travessia. Conta-se ainda que durante a realização do trabalho, o Santo “fazia rolar pedras enormes e delas extraía vinho para os operários”.

Termo de Portugal, falecido no ano de 1259, cuja imagem trazida por padres e colonizadores portugueses, permanece no altar principal do templo, desde sua construção em 1707, ocasião em que os devotos da Virgem Santíssima, fundaram a Irmandade de Nossa Senhora do Amparo e Boa Morte, tendo organizado, logo após, sua diretoria.<sup>27</sup>

Assim, para os fiéis, e mais especialmente para a Arquiconfraria, a igreja é dedicada a São Gonçalo do Amarante, que está representado no altar-mor. Esse erro de atribuição bastante grave, que é em parte reflexo das contradições da própria historiografia, em muito se deveu a um certo vazio criado pelo IPHAN, órgão responsável pelo tombamento da igreja e de seu acervo iconográfico. De fato, toda a documentação desse órgão referente à igreja e seu orago limita-se a identificá-los como São Gonçalo, sem precisar a qual dos dois Gonçalos se refere. É o caso de um relatório de visita de 1997, que recomenda que as imagens expostas na igreja (entre eles, no altar, “São Gonçalo”) sejam identificadas com legendas.<sup>28</sup> Outro relatório, datado de 1993, faz referência tanto à igreja como à imagem de “São Gonçalo”.<sup>29</sup> Continuando esse recorrido, encontramos no Guia dos Bens Tombados do Brasil novamente uma referência à “igreja de São Gonçalo” - mas a imagem não é mencionada.<sup>30</sup> Na certidão de tombamento da igreja e de suas imagens, datada de 28/11/1967, mais uma vez encontramos apenas menção à “igreja de São Gonçalo” e à “imagem de São Gonçalo”.<sup>31</sup> E chegamos por fim até o primeiro documento de que se tem notícia dirigido pelo então PHAN à Arquiconfraria: uma carta datada de 1948, informando da inscrição da “igreja de São Gonçalo” e de algumas de suas imagens, como a de “São Gonçalo”, no Livro de Tombo da História e Belas Artes.<sup>32</sup>

Tal designação da igreja e da imagem de seu orago apenas como São Gonçalo acabou repercutindo também fora da documentação oficial. Acima da porta lateral da nave encontra-se um pequeno painel de azulejos pintado com a figura do orago baseada na imagem do altar-mor,<sup>33</sup> mas identificada apenas com seu primeiro nome.<sup>34</sup>

Grande parte desses problemas referentes à identificação do santo representado no altar principal da igreja poderia ter sido evitada com uma observação mais cuidadosa da imagem (Fig.3). Ela possui características iconográficas que são facilmente atribuídas a São Gonçalo Garcia, mártir franciscano de ascendência indiano-portuguesa.



Fig.3 - São Gonçalo Garcia. Madeira dourada e policromada, 90 cm, séc. XVIII. Igreja de São Gonçalo Garcia, Vitória, ES (Fotografia de Javier Libera).

A escultura, em madeira policromada, possui as seguintes dimensões: 90 x 55 x 35 cm. O santo é representado de pé sobre uma pequena base octogonal sem ornamentação, de cor vermelha. Veste hábito franciscano, com motivos florais dourados na barra e uma simples faixa dourada na gola e nos punhos, capuz, cordão dourado de duas voltas com quatro nós e sandália. Tem a carnação de tom avermelhado-escuro, cabelo negros, olhos de vidro, e um resplendor prateado. Traz na mão direita uma cruz de metal com haste longa, apoiada na base, com um pequeno escudo no cruzamento dos dois braços.<sup>35</sup> Na outra mão porta um livro - que não é original, tendo sido acrescentado em 1989, conforme nele se lê.<sup>36</sup>

Pela posição dos dedos da mão esquerda e pelo fato do santo estar com o olhar voltado para ela, é mais provável que em lugar do livro, que não faz parte de seus atributos, ele estivesse segurando a cruz - possivelmente a que se encontra atualmente na mão direita. A presença da cruz, símbolo maior do cristianismo, justificaria a atenção do santo. Na outra mão ele portaria, então, uma palma (talvez com três coroas<sup>37</sup>), atributo dos mártires. Essas hipóteses podem ser corroboradas através de outros exemplos de representação escultórica do santo, como as imagens encontradas na igreja de São Gonçalo Garcia, de São João del Rey e de São Gonçalo Garcia e São Jorge, no Rio de Janeiro, que o mostram com a cruz na mão esquerda e a palma na direita (Fig.4 e 5).

Mas a principal característica desta imagem de São Gonçalo Garcia, que impede qualquer mimetismo com seu homônimo, é a presença de quatro flechas prateadas cravadas em seu corpo: uma à altura de cada ombro, e uma à altura de cada coxa, formando assim um X. Elas sugerem, pois, a crucificação e as lanças que teriam traspassado seu corpo. Mas essa escultura apresenta uma variação em relação à iconografia mais corrente, que utiliza lanças no lugar de flechas (o que estava mais de acordo com a hagiografia), como é o caso das duas imagens acima citadas.

A Arquiconfraria deixa por vezes transparecer ter consciência de que há um problema na identificação de seu orago - e de sua igreja. Por exemplo, ao transcreeverem o já mencionado texto de Ávila e Trindade na última versão de seu folheto com a programação das festividades, eliminam todo um parágrafo que descreve a iconografia de São Gonçalo do Amarante. A impossibilidade de aplicá-la à imagem presente na igreja ficaria por demais patente - ainda que o acréscimo do livro estivesse contribuindo para a caracterização desta imagem como sendo de São Gonçalo do Amarante, já que este santo é freqüentemente representado com um livro na mão.<sup>38</sup>

Um fato ainda mais significativo ocorreu quando da restauração da peça, em 1992. Como nos informa a Ata:

Alguns irmãos que vieram as (sic) festividades reclamaram do aspecto das imagens de Nossa Senhora da Assunção que estava com ar de tristeza, com rouge ela, e a de São Gonçalo que estava mais escuro ao que o Sr. Provedor [Dr. Mario Cesar Maria Gama] esclareceu que na proxima (sic) reunião da Assembleia (sic) Geral dia 30 trinta de agosto de mil novecentos e noventa e dois, traria os restauradores para as devidas explicações aos descontentes com o novo visual das referidas imagens e pediu aos irmãos mais antigos que se reunissem à ele (sic) que é mais nôvo (sic), para tentarem convencer as representantes das famílias (sic) Gianordolli e Benezatti que se mostraram renitente[s].<sup>39</sup>

Ora, a redescoberta da carnação original, de cor mais escura, não estava em discordância com a iconografia do santo e seus dados biográficos: sendo filho de uma indiana, era bastante plausível que tivesse a pele escura. Mas não se justificaria em um imagem de São Gonçalo do Amarante.

O fato da devoção a São Gonçalo do Amarante ser bastante popular no Brasil; de ser considerado um santo propiciador de casamentos (o que é largamente divulgado pela Arquiconfraria<sup>40</sup>); e também, provavelmente, por compartilhar com a Arquiconfraria da devoção a Nossa Senhora da Assunção (a quem ele teria dedicado a capela que construíra), fizeram deste santo, e não de seu homônimo,



Fig.5 - São Gonçalo Garcia. Igreja de São Gonçalo Garcia e São Jorge, Rio de Janeiro, RJ.

Fig.4 - São Gonçalo Garcia. Igreja de São Gonçalo Garcia, São João Del Rey, MG.

o verdadeiro orago da igreja, aquele “adotado” pela confraria. Há um “deslizamento” na atribuição do orago que mostra mudanças de interesse, de preocupações por parte dos membros da Arquiconfraria: São Gonçalo Garcia haveria sido provavelmente escolhido pela Irmandade do século XVIII, constituída de mulatos,<sup>41</sup> por um processo de identificação, de espelhamento<sup>42</sup> – assim como Nossa Senhora do Rosário, presente no altar-mor naquela época.<sup>43</sup> Mais de dois séculos depois, possuindo a Arquiconfraria uma composição diferente, outros elementos de identificação foram buscados. Era agora mais atraente exibir como orago um santo popular, festivo e, sobretudo, casamenteiro, capaz de atrair fiéis para a igreja e para as festividades em homenagem à Virgem.

Assim, através deste estudo de caso pudemos perceber como a falta de pesquisas iconográficas mais aprofundadas gera importantes problemas de identificação, como o aqui examinado. Entretanto, não podemos nos satisfazer apenas com esta análise. O que poderia ser chamado de erro é também a demonstração de uma fluidez na religiosidade, na devoção aos santos, que se transforma ao longo dos séculos, adaptando-se, moldando-se a novos contextos, a novas necessidades. A imagem permanece a mesma, entronizada em seu altar, mas sua identidade se desdobra, é duplicada.

## Notas

<sup>1</sup> Rachel Diniz Ferreira é especialista em Conservação e Restauração de Obras de Arte pelo CECOR (Belo Horizonte-MG) e professora aposentada do Centro de Artes, UFES. Maria Cristina C. L. Pereira é doutora em História pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) e professora de História da Arte do Centro de Artes, UFES.

<sup>2</sup> Elmo Elton. Velhos Templos de Vitória & Outros Temas Capixabas. Vitória: CEC, 1987, p. 59.

<sup>3</sup> Fernando Achiamé, Fernando Bettarello e Fernando Sanchotene, Catálogo de Bens Culturais Tombados no Espírito Santo. Vitória: Massao Ohno, 1991, p. 153.

<sup>4</sup> Almerinda da Silva Lopes. Arte no Espírito Santo do Século XIX à Primeira República. Vitória: ed. do autor, 1997, p. 80.

<sup>5</sup> Maria Stella de Novaes, História do Espírito Santo. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, sd, p. 103. Mário Freire também afirma que a capela seria denominada anteriormente Nossa Senhora da Assunção e do Amparo. Mário Freire, “Viagem de Pedro II ao Espírito Santo”, Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo 21, 1960, p. 21-23, p. 22.

<sup>6</sup> Maria Stella de Novaes, História do Espírito Santo. Op. Cit., p. 103; Elmo Elton. Velhos Templos de Vitória. Op. Cit., p. 59; Fernando Achiamé, Fernando Bettarello e Fernando Sanchotene, Catálogo de Bens Culturais Tombados no Espírito Santo. Op. Cit., p. 153; Almerinda da Silva Lopes. Arte no Espírito Santo. Op. Cit., p. 80.

<sup>7</sup> “Prospecto e Planta da Villa de Victoria” e “Planta da Barra”, reproduzidos em: José Teixeira de Oliveira, História do Estado do Espírito Santo. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975, 2ª ed., p. 499-500 E anexo.

<sup>8</sup> Folhetos com a programação das festividades, 1990, 1993, 2002, 2003 (arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção); Elmo Elton. Velhos Templos de Vitória. Op. Cit., p. 60.

<sup>9</sup> Elmo Elton. Velhos Templos de Vitória. Op. Cit., p. 60; Folheto com a programação das festividades, 2003 (arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção).

<sup>10</sup> Maria Stella de Novaes, História do Espírito Santo. Op. Cit., p. 74.

<sup>11</sup> D. José Caetano da Silva Coutinho, o Espírito Santo em Princípios do Século XIX. Apointamentos Feitos Pelo Bispo do Rio de Janeiro Quando de sua Visita à Capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819. Edição: Maria Clara Medeiros Santos Neves. Vitória: Estação Capixaba, 2002, p. 127; 130.

<sup>12</sup> Elmo Elton, Velhos Templos de Vitória. Op. Cit., p. 59; 60.

<sup>13</sup> Maria Stella de Novaes, História do Espírito Santo. Op. Cit., p. 103; Elmo Elton, Velhos Templos de Vitória. Op. Cit., p. 59.

<sup>14</sup> Quanto à escultura de Nossa Senhora do Amparo, ela faria parte das imagens tombadas pelo Patrimônio Histórico e Artístico em 1969. Entretanto, temos dúvidas de que nesse período a imagem ainda se encontrava na igreja. O inventário dos bens móveis feito pela arquiconfraria dois anos depois também a menciona, com o número de patrimônio 83. Mas a imagem que apresenta atualmente essa numeração gravada em sua base corresponde a Nossa Senhora da Conceição. A dimensão fornecida naquele inventário também corresponde a essa última imagem. Trata-se, portanto, de mais um erro na identificação de uma escultura desta igreja. Mas nesse caso, ele já foi reparado, pois uma legenda aos pés da imagem identifica-a corretamente (“inventário dos bens móveis, utensílios, imagens, de propriedade da venerável arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, que se encontram na igreja de São Gonçalo, em Vitória, estado do Espírito Santo, fornecido ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 15 de setembro de 1969”. Arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, vitória-es). Assim, não há atualmente nenhuma imagem de Nossa Senhora do Amparo na igreja de São Gonçalo Garcia, contrariamente ao que afirma Almerinda S. Lopes – que reproduz e identifica a imagem de Nossa Senhora da Cabeça como sendo aquela (Almerinda da Silva Lopes, A Arte no Espírito Santo. Op. Cit., p. 85). A imagem de Nossa Senhora da Cabeça é relativamente mais recente, tendo sido doada à Arquiconfraria em 1947 (ata da reunião da arquiconfraria de 05/11/1947, livro de atas de 07/1943 a 07/1971, fol. 14V. Arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES). Quanto a Nossa Senhora do Rosário, ela não se encontra mais na igreja, não constando nem da certidão de tombamento (1967), nem do inventário (1969).

<sup>15</sup> Elmo Elton, Velhos Templos de Vitória. Op. Cit., p. 59: “(...) Capela de São Gonçalo Garcia, santo português, nascido em 1200, na aldeia de Arriconcha, Termo de Guimarães, e falecido em 1259 (ou 1260?)”. Esta informação encontra-se reproduzida em outra obra do mesmo autor (Elmo Elton. Logradouros Antigos de Vitória. Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 1986, p. 168).

<sup>16</sup> “Quando foi consagrada, em 02.11.1766, Já era dedicada a São Gonçalo, em homenagem a São Gonçalo Garcia, que viveu em Amarante, Portugal, de 1200



- a 1259". Almerinda da Silva Lopes. *Arte no Espírito Santo do Século XIX à Primeira República*. Op. Cit., P. 80.
- <sup>17</sup> Louis Réau, *Iconographie de l'Art Chrétien*. Paris: PUF, 1958, t. 3.2, P. 921; Wanda Martins Lorêdo, *Iconografia Religiosa*. Dicionário Prático de Identificação. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002, p. 178. Louis Réau não o identifica claramente como franciscano, mas nas representações iconográficas ele porta em geral o hábito desta ordem. O fato de ter sido martirizado ao lado de jesuítas pode explicar porque Eduardo Etzel identifica-o como jesuíta (Eduardo Etzel, *Imagens Religiosas de São Paulo*. Apreciação Histórica. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1971, p. 73).
- <sup>18</sup> Wanda Martins Lorêdo, *Iconografia Religiosa*. Op. Cit., P. 178.
- <sup>19</sup> Louis Réau, *Iconographie de l'Art Chrétien*. Op. Cit., P. 603; Wanda Martins Lorêdo, *Iconografia Religiosa*. Op. Cit., P. 157-158; Myrian de Andrade Ribeiro et al. *O Aleijadinho e sua Oficina*. Catálogo das Esculturas Devocionais. São Paulo: Capivara, 2002, p. 250.
- <sup>20</sup> Ver, por exemplo, uma escultura em madeira da igreja de São Francisco de Assis, em São João del Rey, atribuída ao Aleijadinho e sua oficina (reproduzida em: Myrian de Andrade Ribeiro et al. *O Aleijadinho e sua Oficina*. Op. Cit., P. 250-251). Ou uma outra, também em madeira policromada e procedente de Minas, pertencente a uma coleção particular, datada do século XVIII (reproduzida em: João Marino, *Iconografia de Nossa Senhora e dos Santos*. São Paulo: Banco Safra, 1996, p. 108). Ou ainda, uma escultura em madeira policromada e dourada do século XVIII pertencente ao acervo do Museu de Arte Sacra da UFBA (reproduzido em: *Mostra do Redescobrimto: Arte Barroca*. São Paulo: Associação Brasil 500 anos, 2000, p. 122).
- <sup>21</sup> Ver, por exemplo, três peças dos séculos XIX e XX em barro cozido reproduzidas em Eduardo Etzel, *Imagens Religiosas de São Paulo*. Op. Cit., P. 74); Outras duas peças em barro cozido do século XIX, e uma em madeira do século XVIII da coleção João Marino (reproduzidas em: João Marino. *Coleção de Arte Brasileira*. São Paulo: SE, 1983, p. 82, 102 E 120); ou duas outras imagens em barro cozido, dos séculos XIX e XX, de coleções particulares, reproduzidas em: Carlos A. C. Lemos. *A Imaginária Paulista: Esculturas*. São Paulo: Pinacoteca, 1999, p. 89.
- <sup>22</sup> D. José Caetano da Silva Coutinho. *O Espírito Santo em Princípios do Século XIX*. Op. Cit., P. 127-128, N. 245.
- <sup>23</sup> Data desse ano o folheto mais antigo conservado no arquivo da arquiconfraria contendo a programação das festas e o histórico da arquiconfraria. Antes dele, temos apenas um de 1976, sem o histórico. Uma ata de 1988 parece confirmar nossos dados: é aí informado que "um novo modelo de programação já havia sido preparado, com o histórico mais completo e atualizado da igreja" (ata da reunião da diretoria da arquiconfraria de 24/01/1988. Livro de atas de 11/1986 a 11/1993, fol. 24. Arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES). Talvez seja esse o modelo reproduzido nos anos seguintes, como o de 1990.
- <sup>24</sup> Observamos alguns erros de datilografia, em relação ao texto de 1979: varão torna-se barão, e a localização da aldeia de Arriconha, no Termo de Guimarães, passa a ser no "Termo de Portugal". Uma nota neste folheto atribui a pesquisa a Mário Freire Barbosa.
- <sup>25</sup> Ata da reunião da diretoria, 19/7/1992. Livro de atas de 11/1986 a 11/1993, fol. 86V.
- <sup>26</sup> Não há referências a esse texto, apenas uma página fotocopiada, sem identificação, inserida entre as páginas do livro de atas. Esse fragmento tem conteúdo semelhante a um artigo publicado por essas duas autoras no catálogo dos orató-

- rios da coleção Angela Gutierrez (Cristina Ávila e Silvana Caçado Trindade, "A Geografia do Sagrado na Minas Colonial", in: *Objetos da Fé*. Oratórios Brasileiros. Coleção Angela Gutierrez. Lisboa: SE, 1994, p. 9-19, P. 14).
- <sup>27</sup> Folheto com a programação das festividades, 2003. Arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES (itálicos nossos).
- <sup>28</sup> Relatório de visita do IPHAN de 16/09/1997. Arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES.
- <sup>29</sup> Relatório de viagem ao Espírito Santo, de 14 a 16/12/1993, de Magaly Oberlander, responsável pela área de bens móveis e elementos integrados, Coordenação de Conservação e Restauração, DEPROT/IBPC. Arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES.
- <sup>30</sup> Maria Elisa Carrazzoni (coord), *Guia dos Bens Tombados*. Brasil. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1987, 2ª ed., P. 142-143.
- <sup>31</sup> Cópia da certidão de tombamento, arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES.
- <sup>32</sup> Ofício n. 551, De 20/10/1948, de Rodrigo M. T. de Andrade, diretor do PHAN ao provedor da venerável arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, transcrito na ata da reunião de consulta de festa, 09/06/1949, livro de atas de 07/1943 a 07/1971, fol. 23-23V. Arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES. Esta designação da imagem simplesmente como sendo de São Gonçalo influenciou também a arquiconfraria em um documento em que inventaria todos os seus bens móveis. Além da referência à "igreja de São Gonçalo", encontramos aí, sob o número de patrimônio 78, a "imagem de São Gonçalo" ("inventário dos bens móveis, utensílios, imagens, de propriedade da venerável arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, que se encontram na igreja de São Gonçalo, em Vitória, estado do Espírito Santo, fornecido ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 15 de setembro de 1969". Arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES).
- <sup>33</sup> Esta imagem apresenta gestualidade, vestimentas e alguns atributos semelhantes aos da escultura no altar-mor. É interessante, por exemplo, observar que há apenas três flechas, como até hoje se verifica na escultura, pois uma delas encontra-se guardada na sala de reuniões da arquiconfraria.
- <sup>34</sup> Agradecemos à aluna Melissa Guizzardi por haver chamado nossa atenção à existência deste painel.
- <sup>35</sup> Trata-se do brasão de D. João V, que foi utilizado até o reinado de D. Maria I, terminado em 1816.
- <sup>36</sup> Trata-se de um breviário que contém, na primeira página, uma dedicatória informando: "oferta de Sérgio Augusto Mesquita a São Gonçalo, meu patrício. Vitória, 15/8/89". Não há precisão sobre qual dos dois Gonçalos seria o destinatário da oferenda. Mas a referência ao termo "patrício" leva a crer que se trata do mais português dos dois (e também o mais conhecido), São Gonçalo do Amarante.
- <sup>37</sup> Como as das imagens de São Gonçalo Garcia das igrejas de São Gonçalo Garcia de São João del Rey e de São Gonçalo Garcia e São Jorge do Rio de Janeiro.
- <sup>38</sup> Eduardo Etzel, *Imagens Religiosas de São Paulo*. Op. Cit., P. 75.
- <sup>39</sup> Ata da reunião da diretoria, 23/08/1992, livro de atas de 11/1986 a 11/1983, fol. 90. Arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória-ES. Não consta das atas subsequentes nenhuma referência a essa possível visita dos restauradores ou a suas explicações.
- <sup>40</sup> Assim se conclui o histórico da igreja na última versão do folheto com a programação: "a igreja de São Gonçalo, com suas imagens antiquíssimas, monumento histórico tombado pelo IPHAN, continua tendo a preferência dos noivos que

a procuram, certos de que a virgem os abençoa eternizando uma felicidade sempre almejada por todos". (Folheto com a programação das festividades, 2003. Arquivo da arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção). E, segundo o dito popular, "quem casa na igreja de São Gonçalo, nunca se separa".

<sup>41</sup> D. José Caetano Coutinho. O Espírito Santo em princípios do século XIX. Op. Cit., P. 127.

<sup>42</sup> Eduardo Hoonart corrobora essa hipótese, ainda que ele veja a questão de forma mais utilitarista e mais militante: "sendo oriental ele era de cor parda e os pardos ou mestiços e mulatos do Brasil fizeram da sua imagem uma bandeira". Eduardo Hoonart. História da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes/Paulinas, 1992, t. 2/1, P. 352.

<sup>43</sup> Ver nota 13. O altar-mor em 1766 trazia as imagens de devoção das confrarias (Nossa Senhora da Assunção e Nossa Senhora do Amparo), e duas outras tradicionalmente de devoção de irmandades negras e pardas (São Gonçalo Garcia e, sobretudo, Nossa Senhora do Rosário).